
JAZZ

8 MAIO '07

MARTIAL

SOLAL & DAVE

DOUGLAS

Culturgest

Grupo Caixa Geral de Depósitos

Martial Solal



Dave Douglas



TER 8 MAIO 2007 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DUR. 1H30 · M/12

Piano Martial Solal
Trompete Dave Douglas

Inovação e originalidade em Martial Solal e Dave Douglas

Quem já se confrontou com a complexa tarefa de procurar antecipar o que poderá ocorrer numa determinada *performance* artística, particularmente no domínio do jazz em que a imprevisibilidade é substancial pelos factores que podem condicionar uma música criada no momento, uma outra dificuldade não menor é a busca ajustada de uma terminologia que melhor qualifique o estilo instrumental, a corrente estética ou a trajectória criativa de tal ou tal músico.

Admitindo, pessoalmente, que o recurso empobrecedor e frequente à adjectivação banaliza ou pode tornar vazia de sentido uma prosa que se destina precisamente ao contrário – valorizar uma determinada obra ou intérprete – reconheço também que, entre a panóplia de qualificativos que por hábito surgem ao escriba como utensílios para essa valorização, alguns há que se arriscam a perder o seu significado. Neste sentido, termos como *inovador* ou *original* podem provocar uma interpretação profundamente errónea, se usados de uma forma inflacionada, arbitrária e impensada.

Sem ter de procurar no dicionário, julgo que não andarei muito longe do significado desses termos se discorrer

no sentido de que, no jazz, *inovador* é aquele que, pela primeira vez, nos faz ouvir coisas que, no plano estrutural, melódico, harmónico ou rítmico, jamais ouvíramos antes e por isso nos eram, até então, completamente estranhas; enquanto que *original* será aquele que, nunca deixando de nos soar familiar e reconhecível naquelas vertentes musicais, o faz de uma forma bastante ou completamente diversa da que já ouvíramos a outros.

Deixando-me de rodeios e indo direito ao assunto – a caracterização dos dois notáveis músicos que ilustram o concerto desta noite –, é caso para nos interrogarmos sobre como seria possível deixar de qualificar Martial Solal ou Dave Douglas, em grau idêntico, precisamente como inovadores e originais.

Vejamos: embora pertencentes a gerações diferentes e até a origens nacionais e meios culturais bem diversos, tanto um como outro, desde que começaram a tornar-se conhecidos em etapas da trajectória do jazz naturalmente afastadas, mais tarde ou mais cedo se distinguiram não só pela originalidade mas também pela inovação.

A veterania, no caso de Solal, e a maturidade ainda jovem, no caso de

Douglas – associadas a algo de extremamente importante que é uma indelével cultura jazzística (e não apenas musical), que a diferença de 35 anos de idade não faz estremecer – permitiram a ambos uma participação e colaboração empenhada e criativa em projectos liderados por outros grandes nomes do jazz, nos quais se afirmaram como solistas altamente originais. Mas o carácter heterodoxo e polivalente dos seus modos de aproximação à música, bem como a criação de caminhos próprios de expressão musical, traduzidos em múltiplos contextos instrumentais e em apostas criativas e direcções estéticas muito distintas, justificam qualificá-los como personalidades musicais inequivocamente inovadoras.

Entretanto, no caso concreto do concerto de hoje, cuja origem se situa num fascinante dueto musical gravado no Verão de 2005 e preservado no álbum *Rue de Seine* (um dos melhores publicados no ano passado), é natural que venha a assistir-se, agora em palco, à predominância da componente *original* dos dois músicos. Isto porque, num projecto que é pertencente a ambos, tenderá a esbater-se o flagrante lado *inovador*, inerente à liderança de cada um, em favor da valorização complementar desta intrigante e invulgar associação de trompete e piano.

A este propósito, não deixa de ser significativo que, independentemente do alinhamento final (exactamente inverso!) que veio a ficar consagrado em *Rue de Seine*, Solal e Douglas tenham optado nesse primeiro encontro de estúdio por tocar, antes de mais, material musical conhecido de ambos: no fundo,

aquela temática familiar que são grandes *standards* do cancionero norte-americano, como *Body and Soul*, *Have You Met Miss Jones?*, *Here's That Rainy Day* ou *All The Things You Are*, entendidos na circunstância como o maior denominador comum para um tácito e natural (re)conhecimento mútuo e, do mesmo passo, como um partilhado desafio para a sua quase imediata desconstrução e metamorfose!

Como seria previsível em músicos que muito prezam a exigência e criatividade da sua arte, tal viria a revelar-se insuficiente. Daí a decisão de privilegiarem no *line up* do disco a inclusão (repartida em igual número) de seis composições inéditas, o que claramente acicatóu em cada um deles a sua individualidade, traduzida nas opções por caminhos que amiúde soam totalmente imprevistos e desviantes, na interacção (às vezes plena de humor) de pequenos desafios recíprocos, e na capacidade, enfim, de irem bem mais além do que uma simples aventura ensaiada em terreno seguro.

Tanto quanto é possível prever, será também esta, sem dúvida, a estimulante atmosfera que predominará no concerto de hoje, quicá com a inclusão de novas peças inéditas cuja experimentação testemunharemos em tempo real ou a opção por outros *standards*, de novo sujeitos ao despique da transfiguração.

E a demonstrar que a busca da modernidade não escolhe idades, se ambos decidirem tocar, por exemplo, *Blues For Steve Lacy*, uma emocionante composição do trompetista, é ainda bem provável que um inesperado pendor para o lirismo linear percorra, por vezes, o estilo de Dave Douglas, inequívoco

representante do «novo jazz» nova-iorquino; da mesma forma que o gosto pela pulverização das estruturas predefinidas ou a permanente deambulação harmónica que caracterizam o «clássico» Martial Solal deverão a todo o momento acicatar e interpelar não apenas o seu companheiro de palco mas também o espectador da plateia.

Em resumo, eis um grande concerto em perspectiva, que se adivinha quase acústico e no qual, desejavelmente, a amplificação sonora procurará não interferir demasiado no singelo e descontraído intimismo de um delicioso encontro artístico.

MANUEL JORGE VELOSO (MAIO, 2007)



MARTIAL SOLAL

O seu dom para a improvisação foi-lhe revelado durante uma audição de alunos. Tinha dez anos e tocava uma rapsódia de Liszt. No meio da peça, começou a alterar a ordem das diferentes sequências sem a mínima hesitação e sem que ninguém se apercebesse... Só depois veio a descobrir que este género de exercício era autorizado numa outra disciplina musical: o jazz.

Fascinado pela liberdade que o jazz permitia, apaixonou-se por essa música e decide, com catorze anos, consagrar-lhe a sua vida. Um outro acontecimento foi determinante: ouviu na rádio um duo de pianos e, julgando que se tratava de

um só instrumento, declarou: “É assim que eu quero tocar”. Desde então o seu destino ficou traçado: é preciso absolutamente igualar os melhores concertistas para poder atingir o seu objectivo.

Um pouco mais tarde, antes de se inscrever na SACEM (Sociedade de Autores franceses), a partir dos dezoito anos, aprende a tocar vários instrumentos para ser capaz de escrever para uma grande orquestra.

Graças ao sucesso da sua primeira gravação em 1953, com Django Reinhardt, é rapidamente admitido no pequeno círculo dos profissionais de jazz e torna-se um dos pilares dos templos parisienses que eram o Club St. Germain e o Blue Note, onde tocará durante vários anos,

aperfeiçoando-se no contacto com músicos vindos do mundo inteiro.

Em 1956 forma uma big band que grava apenas composições suas.

Desde 1959 que compôs cerca de quatro dezenas de bandas sonoras para filmes como *A bout de souffle* (1959), *Léon Morin Prêtre* (1961), *Échappement Libre* (1964).

Georges Wein descobre-o em 1963 e convida-o a tocar em Nova Iorque, Montreal, São Francisco e nos Festivais de Newport e Monterey, início de uma carreira internacional que o levará do Carnegie Hall à Casa dos Compositores de Moscovo, do Teatro La Fenice, em Veneza, à Filarmonia de Berlim, da Sala Pleyel ao Théâtre des Champs Elysées, de Bombaim a Chicago, etc....

Em várias votações é considerado o melhor pianista europeu de jazz.

Desde 1979 que compõe com abundância: vários concertos para piano e orquestra sinfónica, concertos para violino, para trombone, para clarinete, numerosas peças para formações de música contemporânea ou de jazz, bem como recolhas com funções pedagógicas.

Em 1981 forma um novo conjunto, a Dodécaband, com a qual se apresenta em muitos países da Europa.

No decurso de cerca de cinquenta anos de carreira gravou mais de uma centena de discos para editoras francesas, japonesas, italianas, alemãs, americanas, polacas, etc., em solo ou na companhia de alguns dos melhores músicos do mundo (Sidney Bechet, Django Reinhardt, Kenny Clarke, Lucky Thompson, Stan Getz, Don Byas, Jimmy Raney, Lee Konitz, Roy Haynes,

Stéphane Grappelli, Hampton Hawes, Toots Thielemans, Michel Portal...).

Obteve diversos prémios e distinções: Prémios dos Festivais de Montreux, Haia, Milão, Prémio da Academia Charles Cros (por três vezes), Victoire de la Musique, Prémio Stan Kenton, Prémio Django Reinhardt, Prémio Boris Vian, Prémio da SACEM, entre muitos outros. Em 1993 recebeu o Grand Prix National de la Musique. Em 1999 foi-lhe atribuído o prémio Jazzpar dinamarquês, concedido pela primeira vez a um músico francês. Enfim, suprema consagração, a Cidade de Paris deu o seu nome a um concurso internacional de piano.

Entre 1994 e 1997 produziu uma emissão semanal na estação Radio France onde apresentava todos os grandes pianistas franceses ou estrangeiros de passagem por Paris.

De 1994 a 1999 grava um grande número de discos, parte em digressão com Paul Motian e Gary Peacock ou Marc Johnson, reforma o seu trio com Daniel Humair e François Moutin, estreia um concerto com a Orquestra Nacional de França, apresenta-se nos Estados Unidos e na Rússia, preside à 2ª edição do concurso de piano da cidade de Paris.

Em 2002 criou uma nova formação, a Newdecaband, que toca exclusivamente peças originais. A última gravação desta formação, *Exposition sans tableau* (2006), para a Nocturne, recebeu o “Choc de l’année”, da revista *Jazzman* e o “Disque d’Émoi 2006” da revista *Jazz Magazine*. Continua a tocar a solo, em duos, nomeadamente com o trompetista Eric Le Lann ou em trio com os irmãos Louis e François Moutin.



DAVE DOUGLAS

Dave Douglas é geralmente considerado um dos mais importantes e originais músicos americanos a emergir na cena do jazz e da música improvisada das últimas décadas. As suas colaborações como trompetista abrangem muitos dos mais relevantes artistas contemporâneos: John Zorn, Joe Lovano, Bill Frisell, Don Byron, Steve Lacy, Fred Hersch, Anthony Braxton, Myra Melford, Andy Bey, Nick Didkovsky, Trisha Brown, Terry Winters, Jennifer Tipton, Louis Sclavis, Henry Grimes, Tim Berne, Tom Waits, Rabih Abou-Khalil, DJ Olive, Ikue Mori, Han Bennink, Misha Mengelberg, Chris Potter, Uri Cane,

Mark Turner, Roswell Rudd, Andrew Cyrille, Marc Ribot, Karsh Kale, Mark Dresser, Mark Feldman, Marty Ehrlich e muitos outros.

Douglas nasceu em 24 de Março de 1963 em Montclair, New Jersey, crescendo na área metropolitana de Nova Iorque. Começou a tocar piano aos cinco anos e trombone aos sete, descobrindo o trompete dois anos depois. Aprendeu jazz e harmonia clássica na escola secundária e começou a tocar música improvisada em Barcelona, em 1978, onde estava a estudar num regime de intercâmbio de estudantes.

Entre 1981 e 1983 Douglas estudou em Boston na Berklee School of Music e no New England Conservatory. Refere,

como as suas primeiras influências musicais, Igor Stravinsky, John Coltrane e Stevie Wonder.

Em 1984 mudou-se para Nova Iorque, frequentou a New York University, estudando trompete com Carmine Caruso e tocou pela cidade com grupos de jazz, funk e de música experimental.

Entre 1987 e 1990 participou em digressões internacionais com artistas como Horace Silver, Vincent Herring, Tim Berne, Don Byron, Dr. Nerve e Bread and Puppet Theater (uma companhia de marionetas fundada no início dos anos 1960, que se tem notabilizado, para além da qualidade do seu trabalho, por ser politicamente muito empenhada manifestando-se, por exemplo, contra a guerra do Vietname ou a invasão do Iraque).

Começou a gravar no início dos anos 1990 e a sua discografia inclui registos para as editoras Hat Art, Soul Note, New World, Arabesque, Songlines e Winter & Winter. A sua discografia inclui vinte e um álbuns de música composta por si e participações em cerca de mais uma centena de discos.

Dave Douglas recebeu bolsas do National Endowment for the Arts, da Meet the Composer (organização de Nova Iorque que apoia compositores), do Mary Flager Cary Charitable Trust e Arts International.

De entre as entidades que lhe encomendaram a composição de peças para grupos variados, contam-se o Vooruit, de Gand, Bélgica, o Extension Ensemble, de Nova Iorque, ou a Library of Congress, em Washington.

Em Novembro de 1998 Dave tomou parte do “New Jazz Meeting” organi-

zado pela Rádio Alemã do Sudoeste, colaborando com o intérprete libanês de *oud* Rabih Abou-Khalil e o clarinetista francês Louis Sclavis. Douglas fez digressões como convidado com o trio holandês de música improvisada Clusone Trio (Michael Moore, Ernst Reijseger e Han Bennink).

Em 2002 funda e co-dirige o Festival of New Trompet Music, que desde então se realiza todos os anos em Nova Iorque, dedicado à apresentação do mais largo espectro possível de nova música composta e interpretada por trompetistas.

As bandas que liderou ou lidera têm-se apresentado, desde 1994, nos mais importantes festivais de jazz ou de música contemporânea, nos EUA, Canadá, Reino Unido, Irlanda, Alemanha, Áustria, França, Holanda, Bélgica, Espanha, Portugal, Itália, Polónia, Eslovénia, Suécia, Noruega, Suíça, Finlândia, Estónia, Austrália e Nova Zelândia.

Para além da sua actividade como trompetista, compositor, líder de bandas formadas por músicos inovadores e social e politicamente empenhados, Douglas também exerce funções pedagógicas e de ensino. Deu *master classes* e *workshops* em Universidades e escolas por todo o mundo, incluindo Harvard College, University of North Texas, Eastman College, New York University.

Douglas recebeu inúmeras distinções. O painel de críticos e os leitores da Revista *Down Beat* elegeram-no trompetista do ano sucessivamente em 2001, 2002, 2003, 2004, 2005. Nalguns anos foi também considerado compositor do ano ou os seus álbuns designados melhores discos do ano. Em 2006 foi nomeado

para os Grammy na categoria de melhor álbum de jazz contemporâneo e em 2003 tinha sido nomeado para a categoria de melhor álbum instrumental de jazz.

Além de músico inspirado e inovador, Dave Douglas é também um pensador do jazz e da música improvisada, sendo de leitura em regra indispensável as reflexões que, com regularidade, desenvolve no seu blog, em <http://greenleafmusic.com>.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

MÚSICA QUI 10

Folk Songs Trio



Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h30 · M/12

Composto pelo contrabaixista William Parker, o percussionista nova iorquino Guillermo E. Brown e o criador de instrumentos Victor Gama, o Folk Songs Trio é uma das mais originais formações de *free improv* explorando um terreno fértil entre o *free jazz*, hip-hop, músicas tradicionais e electrónica. Considerado por muitos como o maior contrabaixista de sempre na área do jazz de vanguarda, tendo sido membro do núcleo duro da Cecil Taylor Unit nos anos 80, William Parker (contrabaixo, instrumentos de sopro tibetanos e de corda africanos) combina a sua forte presença performativa com as melodias delicadas dos Instrumentos Pangeia de Victor Gama (toha, arha, acru, kissange) e as percussões electrónicas desconstrutivas de Guillermo Brown. Iniciado em 2005 em Nova Iorque, o Folk Songs Trio colabora em parceria com o The Folk Songs Project: Cinco

Cidades e a PangeiArt para criar uma fusão entre *performance* ao vivo e um mapa sonoro online de cinco cidades portuguesas. O site do Folk Songs Project www.cincocidades.com mostra um perfil sonoro de Portugal centrado nas cinco cidades participantes, Lisboa, Torres Vedras, Porto, Braga e Guarda. Este site permite aos visitantes misturar uma variedade de sons das *performances* do Folk Songs Trio e de gravações feitas em cada cidade nas imediações do centro onde se realiza a *performance*. Todas as gravações são feitas localmente pela equipa do Folk Songs Project e por associações, escolas de música ou residentes locais que queiram participar.

Nesta itinerância em Portugal o projecto é apresentado ao lado de um portfólio crescente de projectos internacionais que incluem parcerias com o Tenement Museum em Nova Iorque, o Futuresonic Festival e o Manchester International Festival em Inglaterra.

Leia no site da Culturgest, DERIVAS, uma crónica semanal de Augusto M. Seabra.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

INFORMAÇÕES 21 790 51 55

WWW.CULTURGEST.PT

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego

1000-300 Lisboa

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

Manuel José Vaz

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

VOGAL

Luís dos Santos Ferro

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

EXPOSIÇÕES

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Patrícia Rodrigues ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS

E FINANCEIROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Goelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Joana Marto

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

grupo



Caixa Geral
de Depósitos